

Princípios de Educação a Distância

**Maria Neide Sobral
Flora Alves Ruiz**



**São Cristóvão/SE
2011**

Princípios de Educação a Distância

Elaboração de Conteúdo

Maria Neide Sobral

Flora Alves Ruiz

Projeto Gráfico

Neverton Correia da Silva

Nycolas Menezes Melo

Capa

Hermeson Alves de Menezes

Diagramação

Neverton Correia da Silva

Ilustração

Gerri Sherlock Araújo

Helder Andrade dos Santos

Henry Hudson Fontes Passos

Manuel Messias de Albuquerque Neto

Revisão

Fabiola Oliveira Criscuolo Melo

Copyright © 2011, Universidade Federal de Sergipe / CESAD.
Nenhuma parte deste material poderá ser reproduzida, transmitida e gravada por qualquer meio eletrônico, mecânico, por fotocópia e outros, sem a prévia autorização por escrito da UFS.

FICHA CATALOGRÁFICA PRODUZIDA PELA BIBLIOTECA CENTRAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE

S677p Sobral, Maria Neide.
Princípios de educação a distância / Maria Neide Sobral,
Flora Alves Ruiz. – São Cristóvão : Universidade Federal
de Sergipe, CESAD, 2007.

1. Educação. 2. Ensino superior. 3. Educação a distância.
I. Ruiz, Flora Alves. II. Título.

CDU 37.018.43

Presidente da República
Dilma Vana Rousseff

Chefe de Gabinete
Ednalva Freire Caetano

Ministro da Educação
Fernando Haddad

Coordenador Geral da UAB/UFS
Diretor do CESAD
Antônio Ponciano Bezerra

Diretor de Educação a Distância
João Carlos Teatini Souza Clímaco

coordenador-adjunto da UAB/UFS
Vice-diretor do CESAD
Fábio Alves dos Santos

Reitor
Josué Modesto dos Passos Subrinho

Vice-Reitor
Angelo Roberto Antonioli

Diretoria Pedagógica
Clotildes Farias de Sousa (Diretora)

Núcleo de Avaliação
Hérica dos Santos Matos (Coordenadora)

Diretoria Administrativa e Financeira
Edélzio Alves Costa Júnior (Diretor)
Sylvia Helena de Almeida Soares
Valter Siqueira Alves

Núcleo de Tecnologia da Informação
João Eduardo Batista de Deus Anselmo
Marcel da Conceição Souza
Raimundo Araujo de Almeida Júnior

Coordenação de Cursos
Djalma Andrade (Coordenadora)

Assessoria de Comunicação
Guilherme Borba Gouy

Núcleo de Formação Continuada
Rosemeire Marcedo Costa (Coordenadora)

Coordenadores de Curso
Denis Menezes (Letras Português)
Eduardo Farias (Administração)
xxxxxxxxxxxxxxxx (Química)
Paulo Souza Rabelo (Matemática)
Hélio Mario Araújo (Geografia)
Lourival Santana (História)
Marcelo Macedo (Física)
Silmara Pantaleão (Ciências Biológicas)

Coordenadores de Tutoria
Edvan dos Santos Sousa (Física)
Raquel Rosário Matos (Matemática)
Ayslan Jorge Santos da Araujo (Administração)
Carolina Nunes Goes (História)
Viviane Costa Felicíssimo (Química)
Gleise Campos Pinto Santana (Geografia)
Trícia C. P. de Sant'ana (Ciências Biológicas)
Vanessa Santos Góes (Letras Português)
Lívia Carvalho Santos (Presencial)
Adriana Andrade da Silva (Presencial)

NÚCLEO DE MATERIAL DIDÁTICO

Fábio Alves dos Santos (Coordenador)
Marcio Roberto de Oliveira Mendonça

Neverton Correia da Silva
Nicolos Menezes Melo

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
Cidade Universitária Prof. "José Aloísio de Campos"
Av. Marechal Rondon, s/n - Jardim Rosa Elze
CEP 49100-000 - São Cristóvão - SE
Fone(79) 2105 - 6600 - Fax(79) 2105- 6474

Sumário

AULA 1

Educação a Distância.....	07
Introdução.....	08
Educação a distância: notas para o debate	09
Conhecimento em ambiente virtual.....	14
As NTIC na economia política.....	15
A educação a distância e o ensino superior.....	17
Design na educação on-line.....	27
Conclusão.....	32

AULA 2

História da Educação a Distância.....	37
Educação a distância: um panorama	38
Curso na TV Escola e os desafios de hoje.....	54
Conclusão.....	64
Referências	65

AULA 3

Fundamentos da prática pedagógica em EAD.....	69
Introdução.....	70
Questões sobre a prática pedagógica em EAD	71
Prática pedagógica em EAD - Qual concepção de educação?	72
Uma pesquisa sobre o uso da mídia na alfabetização: ênfase na aprendizagem.....	76
O que é Ambiente Virtual de Aprendizagem (AVA)?.....	78
Quem é e o que faz o aluno em EAD?.....	82
Quem é o tutor e o professor em EAD?	84
Tutoria do curso TV na Escola e os desafios de hoje: um exemplo..	85
Projetos pedagógicos e atividades colaborativas na Internet	88
Experiências pedagógicas com projetos pedagógicos	92
Referências	102

Aula 1

EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA

**Maria Neide Sobral
Flora Alves Ruiz**

INTRODUÇÃO

A formação de professor, através da modalidade de ensino a distância, tem sido objeto de debates em eventos nacionais e internacionais. Os desafios impostos pelo avanço tecnológico e as descobertas da Ciência vêm colocando em pauta a exigência de um novo trabalhador, adequado aos imperativos do processo produtivo e à necessidade crescente de qualificação e formação.

Isto tem ecoado na Educação pela urgência de requalificar os profissionais que atuam na área. Desde a aprovação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB, nº 9.394/1996): a exigência de formação inicial em nível superior para os professores da Educação Básica e as mudanças nas diretrizes curriculares provocaram a re-definição das políticas públicas de formação e a EAD passou a ganhar força no âmbito das agências formadoras.

Inicialmente, houve a preocupação em formar um grande número de professores em exercício, com programas imediatistas. Desde o final da década de 90 do século XX, tem crescido o número de sistemas de EAD em universidades e institutos superiores com implantação de programas de formação inicial de professores. Nesta direção, a Universidade Federal de Sergipe, em 2006, instalou o Centro de Educação Superior a Distância, criando possibilidades de ofertas de cursos de licenciatura, caminhando, assim, para a consolidação de seu sistema de ensino a distância.

Uma das exigências dessas licenciaturas é a realização de **atividades didático-pedagógicas em EAD**, para ajudá-lo a entender esta modalidade de ensino. Este livro foi montado com o objetivo de apresentar alguns dos aspectos mais importantes sobre a Educação a Distância. Para isto, dividimo-lo em três unidades:

Ver glossário no final da Aula

- a primeira trata de noções e conceitos de EAD e traz o registro de um debate on-line; a segunda procura destacar os aspectos históricos da EAD e das tecnologias que sustentam sua prática e, por fim, há a terceira parte que procura fundamentar a prática pedagógica em EAD em seus aspectos mais importantes: ambiente virtual, papel do aluno e dos tutores, independência da aprendizagem entre outros.

Mesmo considerando as diferenças de ritmo e tempo para estudar, de cada aluno, consideramos importante apresentar algumas sugestões para que você obtenha sucesso no seu processo de aprendizagem. São elas:

Bons estudos!!!

Neide e Flora

- reservar um período diário para estudar;
- planejar seu tempo, programar atividades de estudo e dividir de forma adequada o tempo diário reservado à realização das atividades;
- organizar um ambiente favorável (iluminado, silencioso e arejado, mesa organizada, dicionário e material de pesquisa à mão, entre outros);
- estabelecer intervalos para descanso a cada hora de estudo;
- programar a utilização de períodos vagos em suas atividades de rotina;
- caso necessário, substituir o horário de uma ou mais atividades, não-essenciais, para obter tempo de estudar;
- fazer uma programação semanal incluindo um horário para a realização dos trabalhos que devem ser entregues com maior prazo;
- avaliar o plano semanal, fazendo as alterações necessárias.

1. NOÇÕES DE EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA

EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA: NOTAS PARA O DEBATE

Maria Neide Sobral da Silva

É um novo modelo de escola que derruba paredes, que salta além de seus muros, revelando um aprendizado sem fronteiras, limites de idades, pré-requisitos burocráticos, traduzindo uma nova abertura com a comunidade e reconhecendo a existência de novos espaços de conhecimento

Cândida Morais

Na virada do milênio, a sociedade vem sofrendo inúmeras transformações em diversos campos do conhecimento provocadas pela revolução técnico-científica que tem nos apontado novos desafios em nossa forma de pensar, de conhecer, de aprender a aprender. Estamos embalados numa sociedade em que a informação e o conhecimento andam a passos largos a nossa frente. Diante disto, restam-nos duas opções: ou nos desesperarmos na busca do saber, do domínio do conhecimento ou procuramos criar instâncias unificadoras de modo a exercer a crítica ao conhecimento, organizando as informações dispersas, através de um constante processo de atualização e de aperfeiçoamento. Isto exige de nós a capacidade de investigar, descobrir, articular e aprender, ampliando os nossos referenciais culturais, científicos, sensitivos, éticos e políticos, entre outros.

Da mesma forma, essas transformações científicas e tecnológicas têm impellido novas formas de pensar o processo educativo. Na formação do

professor, principalmente, elas provocam questionamentos sobre os velhos paradigmas de estudar e de aprender. Aprender, hoje, é diferente do que foi para os nossos ancestrais. Exige a construção de uma cultura escolar que absorva a utilização das novas tecnologias da informação e da comunicação à educação (**fax, Internet, multimídia...**) possibilitando, assim, maiores oportunidades de socialização dos saberes produzidos pelos homens.

Ver glossário no final da Aula

A formação inicial, continuada e permanente precisa ser garantida, principalmente em um país como o nosso cujas dimensões geográficas são imensas, com disparidades regionais, econômicas e políticas. Assim, a Educação a Distância insere-se como uma modalidade de escolarização que encurta distâncias, exigindo dos alunos um maior compromisso com o seu próprio processo de aprendizagem.

No campo da formação da docência, a universidade tem que aliar a qualidade à quantidade, respondendo ao perfil do profissional que estamos pedindo, de um homem crítico e que ultrapasse as fronteiras locais, pois vivemos numa sociedade globalizada. O desafio é que o sistema de ensino, em particular o ensino a distância, possa formar profissionais reflexivos, críticos e criativos, através de uma metodologia que rompa com o ensino convencional dogmático, expositivo e memorístico.



PARA VOCÊ PENSAR!!!!

Será que informação é o mesmo que conhecimento?
O que significa educação inicial, continuada e permanente?

EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA: ALGUMAS NOÇÕES

O sistema de ensino aberto e a distância (EAD) tem emergido para atender as necessidades de setores que, por razões sociais e econômicas, são garantidas pelo sistema de ensino presencial. Tomando as palavras de Landim (1997, p. 43): “A educação a distância não pode ser vista como substituta da educação presencial, nem com ela concorrer. São duas modalidades de processo de ensino-aprendizagem”.

Landim afirma que a EAD deve ser participativa, apesar da distância; partir da realidade e fundamentar-se na prática social dos alunos; promover nos agentes do processo atitudes críticas e criativas; abrir caminhos para a expressão e para a comunicação; fundamentar-se na produção de conhecimento; ser aberta e flexível e, por fim, promover uma ação interativa.

Uma aproximação de EAD feita por Aretio (1987, p. 60):

Um sistema tecnológico de comunicação de massa e bilateral, que substitui a intervenção pessoal em aula, de professor e aluno, como meio preferencial de ensino, pela aula sistemática e conjunta de diversos recursos didáticos e uma organização tutorial, que propiciam a aprendizagem autônoma dos estudantes.

Trindade (1992), por sua vez, destaca, entre os princípios do EAD, a aprendizagem autodirigida, referindo-se a necessidade crescente do adulto diante das novas exigências sociais permanentes no processo de formação.

Já Valle (1992) afirma que a ação educacional, independente das idéias e dos constructos teóricos que a definem e sustentam, estabelece comportamentos para as pessoas, de modo que possam atuar individualmente e socialmente na transformação requerida pelo contexto social, econômico e político de qualquer espécie. Afirma, ainda, que a EAD depende menos das novas tecnologias que esta assume e mais da filosofia que a sustenta.

Belloni (1999, p. 29) considera que a aprendizagem a distância se “caracteriza essencialmente pela flexibilidade, abertura dos sistemas e maior autonomia do estudante”. A idéia de auto-aprendizagem lhe é cara, pois do aluno da EAD é exigida uma motivação maior para os estudos. Mas também exige condições e disponibilidades de meios e materiais, uma programação de aprendizagem adequada, e, sobretudo, interatividade e interação entre os alunos, professores, tutores e agentes de ensino.

Nos dias atuais, com o avanço das tecnologias da informação e da comunicação, a EAD ganha novos contornos impensáveis, quando se usa apenas o material impresso, o vídeo e a TV. Como chama atenção Oliveira (2003, p.34)

É nessa rede ampla de relações, cujo centro – sem centro – é o conjunto de “nós” que ligam as malhas da complexa realidade, que a trama da Educação a Distância está sendo construída em seus pontos altos e baixos e com um matiz especial para atender a demandas diversificada da agenda do novo tempo/espço.

Do ponto de vista pedagógico, o desenvolvimento tecnológico dos meios de comunicação e de informação aponta para processos mais dinâmicos de aprendizagem que busquem compreender o fenômeno educativo de formas diversas, polifacetadas e sintéticas, dando ênfase aos processos de construção e comunicação dos saberes. Isso ocorre apesar do baixo nível educacional da população sergipana, que é equiparado ao da brasileira, e por outro lado percebe-se que os limites impostos à universalização do ensino, somados à sua baixa qualidade, constituem fortes elementos de resistência às mudanças.

O uso de aparatos tecnológicos, a exemplo do computador, pode, de fato, ser um benefício para a população do Estado, mas isto só será possível com a implementação de políticas públicas voltadas especificamente para o acesso a esta tecnologia, na integração crítica entre os diferentes níveis de produção do conhecimento.



Esta breve aproximação com a EAD permite-nos algumas observações: na virada do milênio, futuristas e pesquisadores apontam para uma sociedade cada vez mais informatizada. Deste modo, uma sociedade enredada em disparidades regionais, políticas e econômicas, e as preocupações com a luta por um caráter mais democrático tornam-se imperativos. Assim, a educação escolarizada permanente e continuada é um bem que deve ser socializado. A EAD tem esta finalidade, abrir novas possibilidades de socialização, sem perder de vista os fins educativos a que se propõe.

Seja como for, o desafio educacional atual é o de levar os avanços da Ciência e da tecnologia para o processo educativo (presencial e/ou a distância), de tal modo que fomente espaços de aprendizagem alimentados pela esperança de contribuir para uma sociedade menos excludente.

Pensar nas aproximações entre os ensinamentos presencial e a distância, graças aos meios tecnológicos de que dispomos no processo interativo em rede, é estabelecer um diálogo em que a própria conceituação da palavra “distante” muda de significado. Mas pensar numa prática educativa fundada em uma determinada filosofia, em que distâncias são rompidas através de info-vias, para a construção de um novo movimento cultural, abre múltiplas possibilidades de que uma cultura escolar seja moldada num novo equipamento em que elementos de diversas ordens sejam perceptíveis.

Assim, acreditamos em novos paradigmas educacionais emergindo em meio a todas estas transformações que fortalecerão o desenvolvimento multidimensional do homem que, mesmo envolto na incerteza e na dispersão, poderá criar unidades unificadoras de conhecimento em redes. A EAD pode se constituir em uma grande alternativa para isto.



LEITURA COMPLEMENTAR

Indicamos para leitura, reflexão e aprofundamento o texto de apoio abaixo.

NUNES, Ivônio Barros. Noções de educação a distância. In: <http://www-rua-tu.unicamp.br>. Acesso em 22 de out. de 2007. Para ler este texto, basta digitar o endereço indicado.



ATIVIDADES

1. Com base nos textos lidos, queremos que você responda: o que é Educação a Distância?
2. Agora que você foi capaz de responder a questão acima, observe as recomendações do quadro abaixo:

1. Ler o texto básico e o texto de apoio;
2. Pesquisar outros textos na internet;
3. Dirigir-se a uma biblioteca e fazer uma pesquisa bibliográfica a respeito do tema;
4. Discutir com seu tutor a respeito de suas dificuldades e impressões sobre o tema, através do endereço eletrônico uabgeral@gmail.com

COMENTÁRIOS SOBRE AS ATIVIDADES

Se você puder fazer todas as pesquisas sugeridas, certamente dará uma resposta mais apropriada e avançará, e muito, no conhecimento que o texto básico trouxe a respeito da educação a distância.

É isto que gostaríamos que você fizesse. Nunca se contentar com o que oferecemos, mas, alertados para o fato de o aprendizado exigir várias possibilidades de busca, esperamos que se torne um questionador e/ou investigador por natureza. Este é o seu desafio!



PRÓXIMA AULA

Descreva todas as etapas da pesquisa que realizou para responder a questão, relatando suas impressões e dificuldades a respeito do tema estudado. Não deixar de citar as fontes de pesquisa utilizadas, como sites, livros, artigos, jornais, vídeos etc.

Inserir no Diário de Bordo.

O Diário On line é um lugar que criamos no AMBIENTE VIRTUAL DE APRENDIZAGEM (AVA), no site do CESAD, para você colocar o resultado de suas atividades. Uma espécie de ARQUIVO em que você vai guardando o resultado do seu estudo.

2. EXPERIÊNCIA EM EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA

Este texto transcreve um debate on-line, com variados temas demonstrando as posições dos participantes a respeito dos mesmos. Trata-se de uma forma de aprendizagem on-line que será feita por você, através do Fórum de Debates.

ATENÇÃO: leia o texto e assinale os aspectos que considerar mais interessantes para debater com seu tutor e seus colegas.

CONHECIMENTO EM AMBIENTE VIRTUAL A EXPERIÊNCIA DO I WORKSHOP DA UFS

Rosemeri Melo Souza (organizadora)

No período de 11 a 15 de dezembro de 2000, realizou-se o “Workshop de Novas Tecnologias da Informação e da Comunicação on-line” cujos

debates no fórum virtual, transcorrido ao longo do evento, apresentamos neste trabalho.

Os moderadores do fórum foram os seguintes professores da Universidade Federal de Sergipe: André Maurício L. Conceição, do Departamento de Física; **César Ricardo Siqueira Bolaño**, do Departamento de Economia; e Maria Neide Sobral da Silva, do Departamento de Educação.

Ver glossário no final da Aula

Os participantes deste debate virtual foram docentes e discentes tanto da UFS como de outras instituições de ensino. As contribuições selecionadas acompanham os nomes dos respectivos autores.

Salientamos que, diante da necessidade de enfatizar as idéias segundo os temas mais abordados e devido à abundância de posições e sugestões, foram muitas questões não foram aprofundadas. Os temas mais frequentes nos debates classificados segundo a ordem decrescente de ocorrências:

- 1 - As ntic no âmbito da economia política;
- 2 - Educação a distância e o ensino superior;
- 3 - redes de conhecimento em educação ambiental;
- 4 - “Design” na educação on-line.

As contribuições e exposições foram mantidas em sua integridade e coerência. No entanto, foi necessário agrupá-las segundo os temas, rompendo-se a cronologia das intervenções.

1. AS NTIC NO ÂMBITO DA ECONOMIA POLÍTICA

César Bolaño

Precisamos corrigir logo os defeitos da página. São pequenos problemas de revisão, mas há algo mais complicado: o próprio título do evento ficou sem sentido, porque o que é “on-line” é o “workshop”, e não o que está no título propriamente dito. Aliás, eu acho que o título deveria ser simplesmente “Educação e Tecnologias da Informação e da Comunicação”. É muito complicado utilizar o qualificativo “novo”, pois, se é verdade que existem inovações menores importantes, o fundamental é que o computador e os circuitos integrados surgiram nos anos 50, do século XX, a televisão se desenvolveu no pós-guerra (2ª guerra mundial), mas a sua tecnologia já era conhecida nos anos 30 deste mesmo século, e as telecomunicações são coisas do século XIX.

Na verdade, a novidade está muito menos na tecnologia em si do que na sociedade e na economia. A expansão das Tecnologias da Informação e da Comunicação (TIC) é possível, hoje, porque elas foram alçadas (pelo mercado e pelo poder) à condição de elemento central do processo de reestruturação capitalista, que permite a **subsunção**, em larga escala, do

trabalho intelectual, condição prévia para a constituição do novo padrão de desenvolvimento para o século XXI, baseado, em grande medida, nas próprias TIC e nas biotecnologias. Muito disso está em nossa **preleção**. Recomendo também um passeio pelo “site”.

Rosemeri Melo

Acredito que a concepção de NTIC se deve mais às profundas e reestruturantes transformações provocadas nas formas e dimensões do ECOS, da economia à ecologia, ou seja, desde a organização das esferas de produção, circulação e difusão de saberes e produtos entre as coletividades humanas, até o redimensionamento planetário nas formas de habitabilidade. Essa concepção é desenvolvida pormenorizadamente por Cristóvam Buarque em seu livro *Da Ética à Ética*. Penso bem e vejo que o processo comunicativo é tão **ancilar** quanto a conquista territorial pela força – em outras palavras, a guerra; mas as guerras digitais do fim do século XX, sem sombra de dúvida, são fruto das NTIC.

Rosemeri Melo

As nefastas conseqüências de minimização do Estado, decorrentes dos “ajustes estruturais” de caráter liberalizante, já demonstram sua penetração na vida educacional do Brasil e na América Latina desde, pelo menos, a segunda metade dos anos oitenta, sobretudo na escola básica. Entretanto, no segmento da educação superior, o empreendedorismo (...) tem revelado sua faceta com maior intensidade em anos mais recentes, daí o espanto e o despreparo de nossas universidades para enfrentá-lo. Contudo, há múltiplas e variadas causas para essa apatia e despreparo no enfrentamento dessas políticas no meio acadêmico, visto que muitos pesquisadores até compactuam com tal postura.

César Bolaño

Concordo com a Rosemeiri. E acrescento que o problema vai além. O que se deve propor não é, simplesmente, o acesso universal, mas é preciso também fazer a crítica estrutural da relação entre TIC e o modo de produção capitalista, especialmente no processo atual de reestruturação. Em nossa preleção, este assunto é abordado em diferentes dimensões. No “site” pode-se encontrar mais bibliografia sobre o assunto.

César Bolaño ressalta

O problema do enfrentamento das conseqüências do modelo neoliberal no ensino brasileiro, realmente, merece uma discussão específica, mas eu insisto em remetê-lo para o debate mais geral sobre a reestruturação capitalista e o papel da Comunicação e da Educação nesse processo, que é o tema de nossa preleção. São apenas duas páginas que condensam anos

de reflexão e de pesquisa, materializados em várias publicações listadas no site. Já não tem sentido chamar nossos adversários de neoliberais, pois eles agora são adeptos da “terceira via”. Note-se que se trata de terceira via entre neoliberalismo e keynesianismo, e não entre capitalismo e socialismo, como foi no passado, no período glorioso do Welfare State e da socialdemocracia. Uma linha de raciocínio simples a nosso favor é mostrar que a junção de uma coisa boa com uma coisa ruim será, necessariamente, pior do que a coisa boa.

2. A EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA E O ENSINO SUPERIOR

Neide fala para Carlos Alberto

Espero que esta nossa iniciativa possa contribuir para a compreensão crítica das relações entre tecnologias da Informação e da Comunicação e Educação, seja na educação a distância, seja na presencial (com as devidas ressalvas a esses conceitos). No entendimento corrente, compreende-se a EaD numa perspectiva de educação de massa, barata e extensiva à população mais empobrecida ou impossibilitada de formar-se e capacitar-se, de forma presencial, pelas dificuldades de acesso à escola ou pelas exigências de seu trabalho.

A nossa tese é que, com o avanço das TIC e das novas descobertas científicas, principalmente no âmbito da Física e da Psicologia Cognitiva, podemos perceber profundas mudanças nos modos de viver e de aprender, provocando, certamente, um novo olhar/agir na educação. Estas mudanças, no entanto, só fazem sentido se as compreendermos no âmbito da “Terceira Revolução Industrial”, da qual César tem muito a dizer. O que gostaria de salientar, para início de conversa, é que vivemos certa urgência em redimensionar os processos educativos, incorporando as TICs, aproximando-as cada vez mais de uma educação cujo eixo central esteja na formação de um sujeito crítico, ativo, participativo, capaz de auto-autorizar-se. Neste sentido, a educação a distância (cada vez mais “sem” distância) deve ser construída dentro dos mesmos princípios da presencial.

Carlos Alberto rebate

Não pretendo entrar nessa polêmica do novo ou velho, mas quero levantar uma questão que tem sido alvo de discussão em meu trabalho, no âmbito da Educação. É uma afirmação que classifico muito perigosa, se não for bem esclarecida, e que, embora eu saiba que não tenha sido este seu objetivo, a professora Neide coloca como sendo a EaD uma modalidade de baixo custo. É preciso esclarecer que baixo custo talvez seja a operacionalização, pois para a implantação de uma rede de alta velocidade, que suporte em tempo real videoconferências com boas resoluções no ensino a distancia,

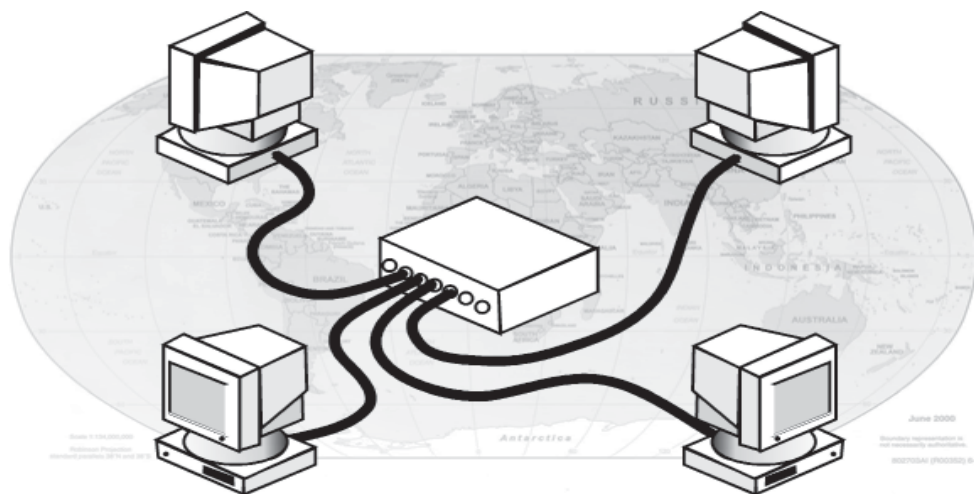
entre outros, o custo ainda é muito alto e não encontra ressonância numa verdadeira política de educação pública que priorize a formação do homem como trabalhador, pesquisador e cidadão, que construa seus conhecimentos não só a partir das oportunidades propiciadas por essas tecnologias, mas também pelas mediações de professores e sua aprendizagem autônoma.

Por tudo isso, pode parecer que o custo desta modalidade, que se frise bem, é muito interessante, na realidade não é baixo e, no âmbito da Escola Técnica, temos sentido de perto que isso está se transformando numa falácia.

Neide Sobral comenta

Possivelmente, eu não me coloquei bem! Na verdade, há toda uma concepção de EaD nascida no bojo do ensino por correspondência, que remonta ao século XIX, enfatizando sua necessidade na perspectiva de democratizar oportunidades educacionais em países de dimensões geográficas grandes e de difícil acesso à escola presencial, tanto pelo atendimento em massa quanto pelo material reproduzido em grande escala. Aqui se coloca o modelo fordista, oriundo de outros campos do conhecimento, da linha industrial. Nesse sentido, eram oferecidos cursos para um número alto de pessoas, com um material comum, considerando-se a relação custo/eficiência. Este modelo tem sido amplamente criticado pelas concepções pedagógicas que o definem.

Já nos anos 90 do século XX, diante das transformações sociais e econômicas crescentes, exigiram-se redefinições nas propostas de EaD: uma delas nos currículos e métodos de ensino, e outra no oferecimento de formação continuada e aberta ao longo do tempo. Para que isso ocorra, a EaD tem-se tornado uma possibilidade cada vez mais concreta de oferecer aos trabalhadores uma educação aberta e contínua através das TIC, rompendo, conceitualmente, com a expressão “distância”, pelo grau de interatividade crescente que se estabelece entre professor e aluno, aluno e aluno no “mundo virtual”.



No chão brasileiro, a educação tem sido, ao longo de sua história, estruturalmente excludente. Em relação às TICs, temos como bom exemplo, o que vem ocorrendo nas escolas públicas: chegam “kits” tecnológicos da “TV Escola”, muitos não são instalados, outros são instalados, mas professores e alunos têm pouco acesso, aparelhos quebram e não são recuperados, outros são guardados pelos dirigentes de escolas para que não sejam roubados, ou são roubados mesmo. Em relação ao computador, a situação é mais dramática: seguindo o mesmo esquema acima, porém, com um agravante, quando eles funcionam dada a velocidade das inovações, muito cedo ficam obsoletos.

Dito isso, remeto-o a minha fala anterior, que a idéia de barateamento e massificação da EaD é corrente, mas não condiz com a realidade, como você mesmo atesta em relação à Escola Técnica. Pelo contrário, instalar e manter uma rede de computadores funcionando, acompanhando as inovações crescentes, requer muito investimento. No início e no contínuo... Como também em relação às teleconferências, ou mesmo em manter e atualizar programas de vídeos de caráter mais educativo. Na verdade, muito temos que lutar para que o acesso seja realmente democratizado, como temos lutado pelo acesso à escola pública de qualidade. Nada de novo neste nosso chão!!!

Marta Menezes

O meu questionamento diz respeito à educação a distância: gostaria de saber como se dá o processo de avaliação nesta prática, que hoje vem crescendo cada vez mais; sabemos até que já existem, via internet, curso de pós-graduação e outros.

Neide Sobral respondendo a Marta Menezes

A avaliação na EaD acompanha os mesmos pressupostos da presencial; se efetivarmos uma prática instrumental-comportamentalista, a ênfase será dada à quantificação do processo avaliativo; se tivermos uma prática interacionista, a ênfase será na avaliação qualitativa-processual. Conforme os objetivos e a metodologia que adotamos na educação a distância, os instrumentos e as formas de avaliação serão mapeados dentro dos princípios orientadores dessa prática educativa.

Orlando de Carvalho comenta

Após ter lido a preleção da professora Neide Sobral, algumas reflexões me ficaram em mente. Principalmente sobre a citação de Belloni, 1999, que afirma que devemos evitar o deslumbramento das novas tecnologias. É importante, é claro, entender todo o contexto histórico pelo qual passou a Ciência a partir de **Descartes** e que não se pode negar as possibilidades de uma visão globalizada que as novas tecnologias podem fornecer, em-

bora tenhamos que ter consciência de que isto não se mitifique como fez o Positivismo, aproveitando as teorias cartesianas de compartimentalização do conhecimento. Contudo, retomando a questão do deslumbramento, é importante refletir que as novas tecnologias surgem de uma urgente necessidade de o sistema capitalista de formar um trabalhador mais eficiente e eficaz para melhor servi-lo.

A internet, por exemplo, não creio ter sido criada para a formação de um pensar crítico e para uma dinamização do processo democrático como propria Pierre Lévy. É uma necessidade de mercado, já que a informação é um bem de valor precioso. Minha questão, portanto, circula nesta discussão: será que não estamos formando professores alimentados pela idéia de transformação social, quando, na realidade, só estamos contribuindo para manutenção do sistema capitalista e das novas propostas mercadológicas? Assim pensando, também, no uso da “TV Escola” e da própria educação a distancia? Para quem nós realmente estamos formando profissionais? Essa reflexão é pertinente!

Neide Sobral responde a Orlando de Carvalho

Gostaria apenas de fazer dois comentários:

1. Com que olhar o professor olha o mundo? Há espaço para discussões como professor-transformador ou professor-conservador; para deslumbrar-se com as tecnologias ou negá-las; para servir ao mercado ou negar o mercado; ser ou não ser capitalista; moderno ou pós-moderno; positivista ou marxista; lutar ou resistir ou acomodar-se?... Todas estas **disjunções** me preocupam muito. Como está se formando o professor? Quais são os “dogmas de fé” que estão sendo trabalhados? Quem são eles ou elas, como “sujetividades” que, no “mundo da vida”, estão subordinados às políticas públicas que também despejam seus “dogmas de fé?”
2. Quanto ao deslumbramento com as TIC, não podemos esquecer as lições que a nossa história nos oferece. Como defendo em minha preleção as TIC, particularmente a INTERNET, vêm contribuindo para mudanças significativas em nossa maneira de aprender, inclusive, dando-nos indicativos concretos da construção de uma nova cultura escolar. Isto não significa que devemos mitificá-las como a grande salvadora da educação, pois em cada máquina há um homem ou uma mulher que, submetido ou submetida a ela, modifica-se, modificando-a (dialeticamente).

Divanizia Nascimento de Souza observa acerca da informática educativa

O artigo “Visão analítica da informática na educação no Brasil: a questão da formação do professor”, de J.A. Valente e F. J. Almeida, ambos da PUC-SP, descreve os principais marcos da informática na educação, nos Estados Unidos, França e Brasil, aprofundando-se nas questões da formação do professor. Num levantamento feito pelos alunos das licenciaturas em

Matemática e Física da UFS sobre a utilização da informática pelas escolas de Aracaju, foi visto que, na maioria das escolas, os computadores são utilizados apenas para digitação de textos. Nas escolas que possuem laboratórios de informática, quase sempre, só os professores que dão uma disciplina específica para informática fazem uso dos laboratórios. Entretanto, nessas escolas, normalmente, todos os professores já receberam, em algum momento, um treinamento para utilização da informática.

Neide Sobral responde a Divanizia Souza

Cara Divanizia, o que você constata é fato. Estamos realizando um projeto sobre o impacto das tecnologias no ensino fundamental e nossa bolsista tem constatado isso em suas visitas às escolas. Mesmo nas escolas que desenvolvem projetos, como “Alfabetização com uso de multimeios” e o do PROINFO, muitos computadores não são utilizados, ou porque não foram instalados, ou por medo de serem roubados, ou, ainda porque estão com problemas.

Ju Sampaio responde a Orlando Santana

Contudo, retomando a questão do deslumbramento é importante refletir que as novas tecnologias surgem de uma urgente necessidade, do sistema capitalista, de formar um trabalhador mais eficiente e eficaz para melhor servi-lo. A Internet, por exemplo, não creio ter sido criada para a formação de um pensar crítico e para uma dinamização do processo democrático, como proporia Pierre Lévy” – Opino: A origem da internet é militar, ou seja, estratégica, no sentido de permitir um acesso à informação de forma descentralizada. Penso que seu uso pela educação é uma quase imposição atualmente, mas não com “deslumbramento”, e sim com constatação de sua existência irrevogável e procurando o uso mais adequado possível.

Você diz: “É uma necessidade de mercado já que a informação é um bem de valor precioso” – Opino: Concordo plenamente!

Você diz: “Minha questão, portanto, circula nesta discussão: será que não estamos formando professores alimentados pela idéia de transformação social, quando, na realidade, só estamos contribuindo para manutenção do sistema capitalista e das novas propostas mercadológicas? Assim pensando, também, no uso da “TV Escola” e da própria educação a distância? Para quem nós realmente estamos formando profissionais? Esta reflexão é pertinente!” – Pergunto: Negar a existência do sistema capitalista o elimina? Conhecer seu funcionamento de fato e utilizar-se dele para opor-se a ele não seria mais eficiente? Formar profissionais conscientes da realidade de seu tempo, não incluiria o entendimento da dimensão das NTIC? Tenho receios quanto à elitização da EaD por motivos capitalistas, mas tenho mais receio ainda da popularização inadequada das tecnologias, num sentido de nivelar “por baixo”, como acontece atualmente na TV brasileira.

Divanizia do Nascimento Souza responde a Ju Sampaio sobre a necessidade de integração dos estudantes às NTIC

Num trabalho com os alunos das licenciaturas em Física e Matemática, utilizando um tópico de “Informática na Educação”, feito este ano, pude observar que, enquanto alguns alunos já estavam aptos a utilizar e desenvolver programas e páginas de serviço na internet, outros estavam ainda na etapa inicial, ou seja, estavam acessando a rede pela primeira vez. Por isso, acho importantíssimo que os alunos da graduação desenvolvam seus programas de estudo, usando também a informática para que esse recurso seja mais uma ferramenta em seu trabalho.



Dulcinéa Graça questiona

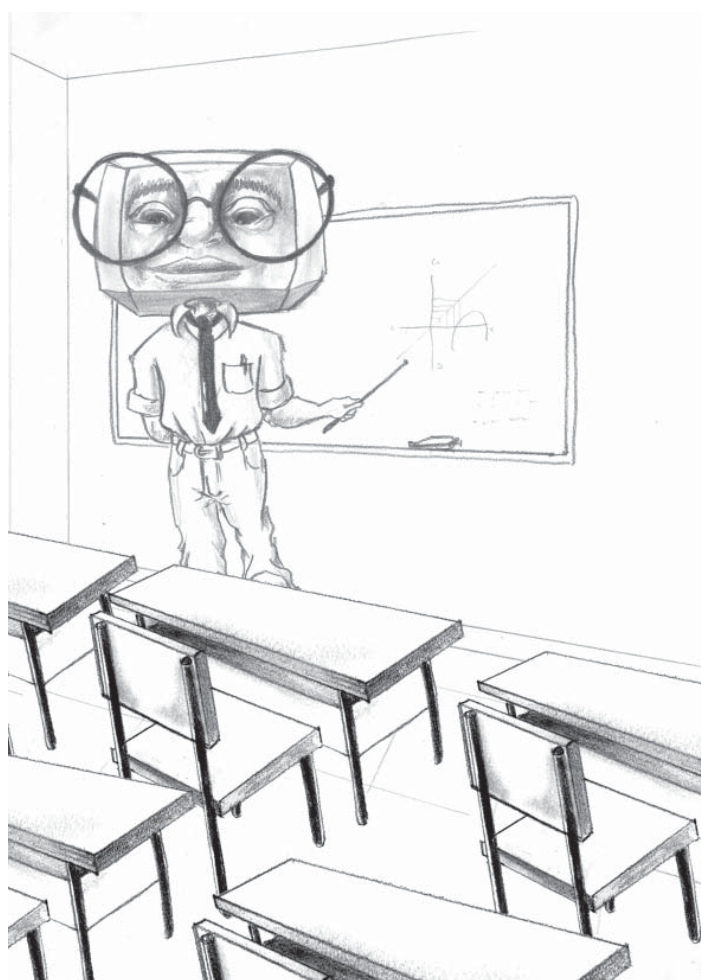
O atual quadro político-econômico congelou os salários da maioria das classes trabalhadoras, incluída nelas a do magistério, forçando-as a manter um nível sócio-econômico mais baixo e, conseqüentemente, menos acesso a bens de tecnologia e cultura. Isto interfere diretamente no permanente aperfeiçoamento do professor no conhecimento de novos e cada vez mais avançados processos de ensino, como também dificulta sua interação com alunos de classes privilegiadas.

Neide Sobral respondendo a questionamento

sobre o papel das NTIC na formação inicial
Nossas crianças estão sendo formadas num mundo onde a imagem é

o eixo central de sua aprendizagem. Muitas delas lidam com as tecnologias com tamanha facilidade e familiaridade que nos surpreendem a cada momento. Isso se torna mais evidente em escolas onde elas dispõem de acesso ao computador, à Internet, andando, muitas vezes, na frente dos professores, que ainda mantêm resistências frente ao uso da máquina, ou por desconhecimento ou por falta de acesso.

“É desafiante, no momento atual, verificar que, entre as mudanças que vêm ocorrendo na educação, a principal delas é a ruptura com o modelo de professor tradicional, transmissor do saber, e a tendência cada vez mais forte de ele tornar-se o parceiro no processo de construção do conhecimento”. O professor como mediador da aprendizagem de seu aluno, ensinando-o a aprender, nesse processo assume inúmeras funções formadoras: orientar, concretizar e produzir material, pesquisar, adequar os conteúdos pedagógicos dentro dos suportes técnicos em que deseja trabalhar.



Rosemeri Melo responde a Adlasoany acerca do provável aumento da exclusão a ser provocado pelas NTIC no acesso a novas formas de organização do ensino-aprendizagem

A exclusão das NTIC pode ser melhor entendida, se enquadrada no contexto mais amplo das mudanças nas formas de sociabilidade, advindas das alterações na própria forma de organizar a vida sócio-econômica. Dito de outra maneira, as mudanças profundas no modo de produção capitalista propugnam um papel central a um dado modelo de educação, de políticas públicas e decisões econômicas, enfim, dimensionado de modo não-inclusivo. Nesse sentido, ocupa centralidade discutir o papel do público e do privado nessas novas tecnologias de informação e comunicação. Urge repensar a inclusão e a incorporação dessas ferramentas no processo formativo dos educadores, sob pena de aumentar o “gap” entre eles e seus educandos, reforçando, paradoxalmente, o ultrapassado positivismo como paradigma educacional.

Orlando de Carvalho

A partir do séc. XVI, com os avançados estudos de Descartes sobre a Ciência e sobre o método científico, a especialização tornou-se um mito pelo qual haveria a humanidade de passar (e ainda passa). Daí, a nascente teoria positivista ratificando a divisão das partes para melhor se compreender o todo. No entanto, com o advento das novas tecnologias para o mundo moderno (exigência das metamorfoses do capitalismo), torna-se agora necessária uma visão globalizada das coisas. Pergunta-se: É a tecnologia a possibilidade de quebra do mito da especialização?

Neide Sobral responde

É preciso mudar a percepção do homem sobre o conhecimento; nesse sentido, o trabalho em rede pode contribuir para um diálogo entre as especializações. Já há um campo de pesquisa que procura romper com o isolamento entre as diversas áreas de conhecimento. São as abordagens multirreferenciais, que procuram fazer uma leitura das práticas educativas a partir de diversos olhares; isso pressupõe um trabalho mais coletivo. Destacam-se Ardoino, Barbier...

3. REDES DE CONHECIMENTO EM EDUCAÇÃO AMBIENTAL

Rosemeri Melo comenta sobre internet e meio-ambiente

A internet tornou-se, sobretudo na última década do século XX, um instrumento fundamental de comunicação para todos os segmentos sociais, e para o meio-ambiente não poderia ser diferente. Foram criadas “cybers ONGs”, especializadas em militância ambiental pela rede, de publicações ambientais calcadas nos preceitos do bom jornalismo, como, por exemplo, o site “Ambiente Global” (<http://www.ambienteglobal.com.br>), que recomendo hoje. Este “site” traz conhecimentos e notícias sobre meio-ambiente, além de outros que estão surgindo, mostrando o potencial eclético desse instrumento de comunicação. Contudo, a rede ainda é uma miscelânea desordenada de conhecimentos e informações que pode levar o leitor mais afoito a confundir qualidade da informação com a qualidade visual ou de qualquer outra manipulação tecnológica. Isso é importante, porque, da mesma maneira que as publicações de papel padecem de falta de financiamento, o cenário eletrônico padece de falta de recursos. As empresas estão muito fortalecidas em sua presença na rede, dispõem de recursos tecnológicos e humanos que não estão presentes nas mídias ambientais eletrônicas. Portanto, possuem maior poder de fogo no aspecto visual e de mensagem publicitária. As novas tecnologias da informação poderão ser o novo “front” da batalha ambiental. Elas serão as ferramentas para a

difusão das tecnologias aplicadas ao meio-ambiente, uma vez que a maior parte dos problemas enfrentados por empresas, cidades e sociedade em geral, relacionados ao meio-ambiente, têm modos de solução ou prevenção já dominados, porém, ainda não são conhecidos do grande público, além de despertar o interesse de entidades da sociedade civil, notadamente do terceiro setor, assim como das esferas pública e privada, atuando como potente meio difusor e canal múltiplo de sensibilização face à questão ambiental.



Lan House no Jardim Rosa Elze, bairro popular de São Cristóvão/SE, 2007.

Rosemeri Melo divulga pesquisa sobre a Educação Ambiental na internet

O estudo “A educação ambiental na internet”, realizado em julho de 1999 por Alexandre Pedrini (mestre em botânica e doutor em Ciência da Informação pela UFRJ), revela os seguintes dados: a grande maioria dos inscritos na “Ea latina” (lista de EA da América Latina) trabalha com educação formal e não-formal. Eles atuam, essencialmente, com adultos (17%), seguidos pelos que trabalham com crianças (15,5%) e jovens (14%). O que mais choca, pontua Pedrini, é a dedicação de apenas 3% a classes populares e 5% a comunidades rurais, além de cerca de 7% a empresários. A pesquisa mostrou que os educadores não utilizam um referencial teórico para suas práticas. A maioria, 60%, baseou-se em variados métodos, sendo 20% com base construtivista e 20% com base freireana. Outro dado interessante, a maioria, 56% destes membros, procurou a lista tanto para buscar informações como para intercâmbio, e apenas 2% para capacitação. Entre os temas relevantes da lista, os membros apontaram: relatos de experiências, 45%; apresentação de metodologias, 23%.

Neide Sobral ressalta sobre a rede

Uma das grandes chaves, a meu ver, para se trabalhar em rede é a possibilidade de olharmos para a vida de forma não linear, em todas as direções. Este olhar, pensando na internet como uma teia nucleada, porém de múltiplas entradas, possibilita enfatizar uma discussão bastante interessante no que se refere às novas formas de aprender. Essa circularidade nos permite compreender que é possível romper com uma cultura **behaviorista** de aprender através de imitação, repetição, estímulo/resposta. Nesse campo, destaco a compreensão da cognição dentro de uma concepção biológica, como processo da vida, de criação/construção (autopoiese): colando definitivamente vida/conhecimento. Há o renascimento do “corpo” (que dança, conversa), até então subsumido no contexto da escola formal, subjugado nos bancos escolares, submetido ao imobilismo e ao silêncio. Humberto Maturana discute essa questão, dando uma reviravolta em tudo o que sabemos a respeito do como se conhece. Essa breve introdução indica que há um caminho sem volta no sentido de colocarmos, no seio dessas discussões em torno da vida enquanto é auto-eco-organização (Morin), interdependências dos seres vivos, seres não-vivos e máquinas, e a busca da compreensão e do aconchego necessários neste planeta, como espaço privilegiado de VIDA. A Educação Ambiental, entendida não como um campo específico de conhecimento, mas como uma transversal a todo o corpus de conhecimento, “presentifica” o ato de educar.



Rosemeri Melo responde a vários

questionamentos sobre o tema EA na internet

Periféricas ou centrais, as diferenças de pensamento enriquecem a discussão, sobretudo se travada com base no caráter aberto das redes de

conhecimento. Sua abertura frente ao diálogo com outras **epistemes** e mesmo com portadores de distintas matrizes teóricas constitui uma das características que mais aprecio ao travar debates com você; portanto, pecado e ousadia são igualmente bem-vindos por refletir um “saudável” e poético posicionamento. Concordo plenamente com sua análise acerca da concepção de EA presente nos PCN. Quanto ao **desiderato** da EA, vale salientar que a Educação Ambiental tem, desde 1992, suas diretrizes e princípios aprovados e expressos no “Tratado de Educação Ambiental para a Sustentabilidade e a Responsabilidade Global”, ratificado por mais de 600 educadores de quase cinquenta países, que é alvo de iniciativas da Nações Unidas (ONU) desde os anos oitenta, do século XX. Ademais, creio que os matizes epistemológicos alimentam as cores do arco-íris cognitivo, acrescentando beleza e vigor ao processo ensinar-aprender, sobremaneira quando feito em ambientes de partilha como o que foi proporcionado por este fórum.

Ver glossário no final da Aula

Cada época tem suas verdades, conforme os instrumentos e mecanismos que lhes conferem legitimação, segundo ensina o mestre **Thomas Kuhn**. Relembrando um grande antecipador de horizontes, o ecologista e filósofo **Rudolph Bahro**, uso algumas das palavras dele para expressar minha convicção acerca da ousadia do diálogo: “A Terra não é de ninguém e só os que não temem a insegurança antecipam as utopias”.

4. “DESIGN” NA EDUCAÇÃO ON-LINE

Ju Sampaio

Meu interesse maior nesse trabalho é o de discutir a necessidade (ou não) de haver uma preocupação com o design dos sites com objetivos educacionais. Desde que me iniciiei na internet, acredito em seu potencial educacional, mas sempre me questiono sobre o porquê de não haver uma preocupação maior, por parte dos professores e/ou educadores que se utilizam deste veículo, com a “cara” dos sites. A todo instante, o que vejo são sites mal construídos, usando inadequadamente tecnologias de animação e som, como se estes recursos fossem (como me disse uma vez um professor a quem perguntei o que pergunto agora) “perfumaria”.

É sabido que, na aprendizagem, vários fatores concorrem entre si, mas, a meu ver, o interesse do aluno-aprendiz é o maior deles. Por que desprezar os recursos multimídia, dessa forma, em um veículo essencialmente “multimidiático”? Por que fazer sites sem se preocupar, minimamente, com sua aparência, sendo que o veículo é fundamentalmente visual?

Durante o congresso “Educador 2000”, ocorrido em abril de 2000, em São Paulo, vários professores apresentaram suas experiências. Ótimas, a maioria delas, mas todas sem a preocupação com um mínimo de coerência visual e com as regras de um bom design.

Gostaria de fazer uma ressalva só, internet é veículo de comunicação, sites são peças. Algo assim: o site é uma peça de comunicação do veículo de comunicação chamado internet. É, faz parte da mídia e tem como característica a multiplicidade de linguagens disponíveis para sua construção.

Por que a diferenciação? Não se faz comercial (peça) de televisão (veículo) de sabão em pó (produto) do mesmo modo que se faz comercial (peça) de rádio (veículo) de carros (produto), não é verdade?

Em cada website (peça), dependendo do que fala (produto), tem que ser definido, antes de tudo, qual o conceito que se quer comunicar, porque o veículo é o mesmo para um site sobre escola, sobre carros, sites de bancos etc., e as linguagens estão aí, disponíveis, sejam técnicas (flash, dhtml etc.) ou sejam “midiáticas” (som, imagem, texto etc.). Sua utilização adequada é que se mostra desafiadora. Algumas pessoas chamam isso de “interfaces visuais”, mas eu creio que vai mais além do visual. Eu chamaria de “interfaces comunicacionais”.

Existe um conceito na comunicação visual que diz algo assim: as pessoas “lembram-se” de 30% do que vêem, 20% do que ouvem 70% do que ouvem e vêem ao mesmo tempo. E é nisso que as pessoas se apegam ao justificar o uso de algumas tecnologias, mas se esquecem de que, sendo esse conceito realmente válido (que eu acredito), as pessoas também se lembrarão de 70% do que vêem e ouvem de ruim. Ou seja, ao aplicar imagem, som, movimento etc., enfim, ao usar todos os recursos tecnológicos disponíveis, você certamente fará a pessoa “lembrar-se” de você, mas corre o risco de ela se lembrar como uma pavorosa experiência que não quer repetir. Paro, por agora, aqui. Alguém se habilita a discutir?

Carlos Alberto comenta

Ju, sua crítica é ao design deste fórum ou em geral, pois minha experiência no CEFETSE (Centro Federal de Educação Tecnológica de Sergipe) tem sido muito interessante com relação ao uso da internet no que se refere aos designs, embora eu não esteja indo de encontro a tudo que você afirma.

Neide argumenta

Você aponta uma questão interessante no que diz respeito à educação a distância, via internet: a construção de sites que eduquem numa perspectiva ética (das finalidades sociais da prática educativa que se efetiva) e estética (das formas de linguagem que são utilizadas).

Creio, no entanto, que é preciso trabalhar com os educandos e educadores a leitura dessas imagens numa perspectiva crítica, pois cada enquadramento na tela deve ser analisado criticamente, mesmo que o “embrulho” do site seja construído obedecendo a certas regras de um bom design (...) diferentemente daqueles que se dispõem à “difusão” e “conquista” dos consumidores para a compra do produto a todo o custo, pelo melhor preço.

Isso não exclui sua preocupação central, a de motivar o aluno para o processo de aprendizagem com sites que permitam a interpretação e a manipulação de informações (dos estatísticos, imagens, fotografias, textos, banco de dados...) de forma mais “fácil” e “leve”, como nos chama a atenção Belloni; mas precisa saber que a nova geração está sendo educada vivenciando, de uma forma ou de outra, com essas TIC, enquanto nossos professores estão no processo de alfabetização tecnológica. Isso é paradoxal, mas explica um pouco esta nossa caminhada.

Resposta de Ju Sampaio a Neide Sobral e Carlos Alberto

Neide, você aponta uma questão interessante no que diz respeito a educação a distância, via Internet: “a construção de site que eduque numa perspectiva ética (das finalidades sociais da prática educativa que se efetiva) e estética (das formas de linguagem que são utilizadas)”.

Respondendo: minha preocupação é que se pensem as formas juntas, cuidando-se para não deixar escapar nem uma, nem outra, porque ambas, a meu ver, são importantes.

Você diz: “Creio, no entanto, que é preciso trabalhar com os educandos e educadores a leitura dessas imagens numa perspectiva crítica, pois cada enquadramento na tela deve ser analisado criticamente, mesmo que o ‘embrulho’ do site seja construído obedecendo a certas regras de um bom design (...), diferentemente daqueles que se dispõem à ‘difusão’ e ‘conquista’ dos consumidores para a compra do produto, a todo o custo, pelo melhor preço”.

Respondendo: um design bem construído é um design que atende as necessidades, que “resolve” os problemas. O Bruno Munari (‘Das coisas nascem coisas’, Martins Fontes, 1998), que é um designer de produto, aponta um “esquema” de trabalho para projeto de produto que, creio, devidamente adaptado, possa ser usado para elaboração e desenvolvimento de “sites-ambientes” educacionais. Como propor trabalhar a leitura dessas “imagens”, como você propõe (e quando falo em design, falo além de imagens em composição visual no todo...), se não se tem uma mínima preocupação com ela?

Design é, como já disse antes ao Carlos, comunicação, não somente “embrulho” do site (...). Por sempre se excluir a educação como “diferente” de um produto, é que vejo, cada vez mais, os veículos de comunicação se afastarem da mesma. Fora louváveis iniciativas (como, por exemplo, a TV Futura), a área de comunicação é, em geral, vista como entretenimento somente, quando, a meu ver, é uma ferramenta poderosa para a educação. Ambas, juntas, teriam muito a somar.

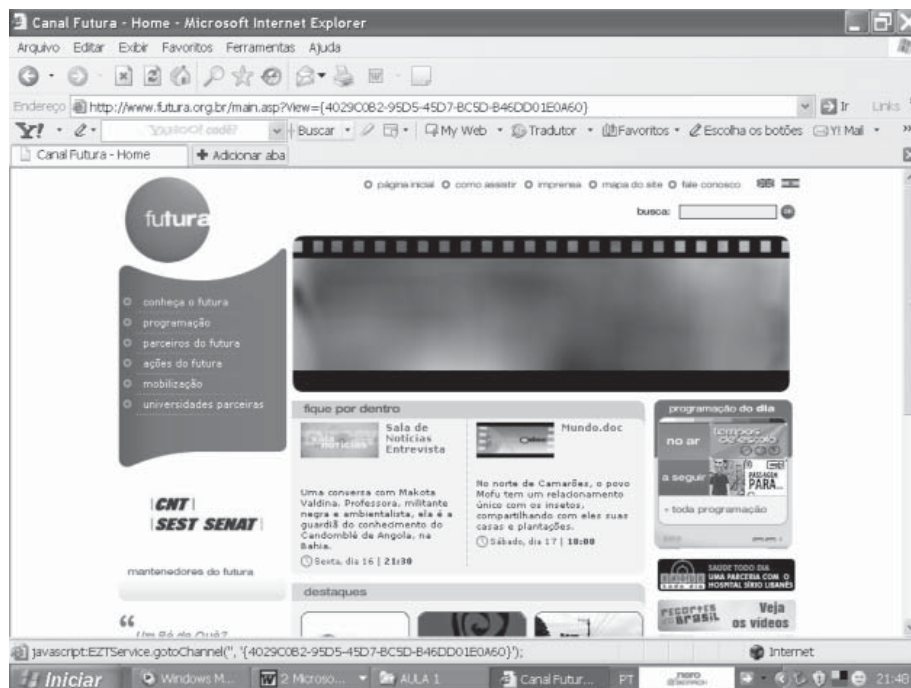
Você diz ainda: “Isso não exclui sua preocupação central, a de motivar o aluno para o processo de aprendizagem com sites que permitam a interpretação e a manipulação de informações (dos estatísticos, imagens,

fotografias, textos, banco de dados...) de forma mais 'fácil' e 'leve', como nos chama a atenção Belloni...”.

Respondendo: minha preocupação central é, ao contrário, a de não desmotivar o aluno com interfaces mal desenvolvidas e mal pensadas no sentido comunicacional. A multimídia, mal utilizada, pode ser pior que o não-uso.

Você continua dizendo: “... mas precisa saber que a nova geração está sendo educada vivenciando, de uma forma ou de outra, com essas TIC, enquanto nossos professores estão no processo de alfabetização tecnológica. Isso é paradoxal, mas explica um pouco esta nossa caminhada”.

Respondendo: saber, eu sei... Noutro dia, meu filho mais novo, de 9 anos, me perguntou uma coisa que me fez pensar: “Mãe, como era fazer pesquisa sem Internet?” Ou seja, já há uma geração surgindo diante de um novo fato, a internet, como aconteceu, para a maioria de nós, em relação à TV. A alfabetização tecnológica a que você se refere, a meu ver, urge mais no sentido de obrigação por parte dos professores, mas isso não exclui a necessidade de pensar-se globalmente, incluindo, aí, o design.



Neide Sobral responde a Ju Sampaio, Divanizia Souza e Carlos Alberto

Creio que só nos será possível caminhar na quebra dos muros que separam os especialistas, se houver uma mudança em nossa percepção sobre o mundo. Há um discurso que considero utópico, porém instigante, de Pierre Lévy, sobre a possibilidade de uma Antropologia no ciberespaço, no

sentido de construir-se uma inteligência coletiva em que haveria, de fato, um trabalho coletivo e cooperativo (perdendo o sentido da autoria individual e “egóica”). Isto dito, sinto que, no mundo acadêmico, a despeito da competitividade acirrada, da luta intestina em nome do saber como poder, há espaço para trabalhos coletivos em que diversas competências são reunidas no sentido de construir-se “algo” diferente (...). Esta é a minha esperança: que esse espírito cooperativo, sem deixar de ser crítico, seja a base de uma cultura educativa, integrada com uma pedagogia da web, na qual belas páginas mediam uma formação de qualidade.



CONCLUSÃO

As redes digitais de informação e de conhecimento apresentam quatro características fundamentais:

1. armazenam, tratam e disponibilizam conteúdos de modo instantâneo através de meios digitais como computadores pessoais (PC) individuais ou conectados em redes de trabalho (networks);
2. exigem mínima manutenção, consistindo ela em atualização de conteúdo e adoção de mecanismos padronizados de gerenciamento de ambientes virtuais;
3. permitem tradução de seu conteúdo para variados suportes, bem como sua utilização por diversos recursos de multimídia, a exemplo de saídas de áudio e vídeo;
4. grande facilidade de ligações internas entre os elos das redes.

Esta última característica, mais do que as precedentes, traz implicações diretas sobre a criação de ambiências virtuais de intercâmbio de formulações teóricas e práticas em que educadores de regiões e países – com diversificados níveis de experiência e de conhecimento sobre a abordagem de questões que intermediam o campo de contribuição das NTIC à educação – podem interagir em **proficuos** intercâmbios de informações e na realização de projetos de conhecimento integrados e de benefícios mútuos em diversos contextos sócio-educativos.

Ver glossário no final da Aula

A experiência que acabamos de narrar de forma editada, logo, bastante sucinta, reforça nossa compreensão do papel decisivo das NTIC na emergência e consolidação de novas e mais democráticas ambiências educativas, propiciando a superação das barreiras “intangíveis” mas não menos operantes no processo de produção e disseminação de valores, atitudes e informações, enfim, do inestimável e principal ativo da sociedade do conhecimento: o capital cultural.



Participar do Fórum de debate a respeito desse texto, após a leitura dessa experiência. Acesse ao Fórum no site www.cesad.ufs.br

Pesquisar UMA LISTA DE DISCUSSÃO SOBRE sua área de formação e participar.

Gostaríamos que você também fizesse o registro de suas impressões a respeito dos temas tratados, das falas dos participantes e das suas dificuldades (ou não) em entender os diálogos.

No Diário On-lime, registre os resultados de sua aprendizagem.

REFERÊNCIAS

- ARETIO, Lorenzo G. **Para uma definição de educação à distância. In: Revista Tecnologia Educacional.** Rio de Janeiro. v. 16 (p.78-79). Set/dez, 1987.
- BELLONI, Maria Luiza. **Educação a Distância.** Campinas: São Paulo: Autores Associados, 1999.
- LANDIM, Cláudia Maria das Mercês Paes Ferreira. **Educação à Distância: algumas considerações.** Rio de Janeiro, [s.n.], 1997.
- MORAIS, Maria Cândida. **O paradigma educacional emergente.** São Paulo: Papirus, 1997.
- OLIVEIRA, Elza Guimarães. **Educação a Distância na Transição Paradigmática.** 2 ed. Campinas, São Paulo: Papirus, 2003.
- SILVA, Maria Neide Sobral da. **Educação a distância no contexto atual: notas para uma reflexão. In: Revista Candeeiro.** Ano 2, vol. 3. São Cristóvão, out. 1999.
- TRINDADE, Armando Rocha. **Distance Education for Europe.** Portugal: Editora Universidade Aberta, 1992.
- VALLE, Eduardo D. del. El SeaD (Sistema de Educação à Distância): **um modelo proposto.** Caracas: UNA, 1992.
- SOUZA, Rosemeri Melo e (org). Construção de conhecimento em ambiente virtual - a experiência do I workshop da UFS. In: **CADERNOS UFS – EDUCAÇÃO/ Universidade Federal de Sergipe.** Vol.5 (2003), fasc. 3. São Cristóvão: Editora da UFS, 2003. 33-47.

GLÓSSARIO

EAD na LDB : O Poder Público incentivará o desenvolvimento e a veiculação de programas de ensino a distância, em todos os níveis e modalidades de ensino, e de educação continuada.

§ 4º. A educação a distância gozará de tratamento diferenciado, que incluirá:

I - custos de transmissão reduzidos em canais comerciais de radiodifusão sonora e de sons e imagens;

II - concessão de canais com finalidades exclusivamente educativas;

III - reserva de tempo mínimo, sem ônus para o Poder Público, pelos concessionários de canais comerciais.

Fonte: LDBN, Art. 80.

Internet : “Gigantesca rede mundial de computadores à qual estão conectados milhares de sub-redes, sistemas de grande , pequeno e médio porte, super computadores e microcomputadores”

(Minidicionário Compacto de Informática, 1999, p.156,)

César R. S. Bolaño : Professor Adjunto da Universidade Federal de Sergipe. Possui graduação em Comunicação Social Com Habilitação Em Jornalismo pela Universidade de São Paulo (1979) , mestrado em Ciência Econômica pela Universidade Estadual de Campinas (1986) , doutorado em Ciência Econômica pela Universidade Estadual de Campinas (1993) e pos-doutorado pela Universidade de São Paulo (2003).

Subsunção : Inclusão, colocação (de alguma coisa) em algo maior, mais amplo, do qual aquela coisa seria parte ou componente.

Preleção : palestra com finalidade didática ou educativa; aula, lição

Rosemeri M. e Souza : Professora adjunta da Universidade Federal de Sergipe. Licenciada (1990), especialista (1993) e mestre em geografia (1995) pela Universidad Fedral de Sefgipe (UFS), concluiu o doutorado em desenvolvimento sustentável pela Universidade de Brasília (unb) em 2003.

Ancilar : Que subsidia; auxiliar, acessório, suplementar.

M^a Neide S. da Silva : Professor titular da Universidade Federal de Sergipe. Possui graduação em Pedagogia pela Universidade Federal de Sergipe (1985) , especialização em Especialização do Ensino e da Pesquisa no Ensino F pela Universidade Federal de Sergipe (1993) , especialização pela Universidade de Brasília (1998) , especialização em Pós Graduação Em Alfabetização pela Universidade Estadual de Campinas (1990) e mestrado em Educação pela Universidade Federal de Sergipe (1996).



René Descartes : Francês, nascido em 1596, em La Haye. Graduado em Direito, mas matemático por opção, propõe, em substituição ao pensamento mítico e religioso que permeou a Idade Média, uma racionalidade baseada nas leis da matemática para se chegar à verdade absoluta das coisas. Os princípios desta racionalidade cartesiana estão expostos em todas as suas obras, mas principalmente, no Discurso Sobre o Método, publicado em 1637.

Disjunções : separações, desuniões.

Divanizia N. de Souza: Professora adjunta da Universidade Federal de Sergipe. Possui doutorado em Tecnologia Nuclear pela Universidade de São Paulo em 2002 e o Mestrado em Física na Universidade Federal de Sergipe em 1997.

Behaviorista : Que ou o que segue os métodos e conceitos do behaviorismo (diz-se de estudo, teoria, tratamento e/ou diagnóstico); Que ou aquele que se especializa ou é adepto da teoria e/ou dos métodos do behaviorismo

Behaviorismo : Doutrina apoiada na psicologia behaviorista e proposta inicialmente por L. Bloomfield (1887-1949) e depois por B.F. Skinner (1904-1990), que busca explicar os fenômenos da comunicação lingüística e da significação na língua em termos de estímulos observáveis e respostas produzidas pelos falantes em situações específicas.

Epistemes : Na filosofia grega, esp. no platonismo, o conhecimento verdadeiro, de natureza científica, em oposição à opinião infundada ou irrefletida.

No pensamento de Foucault (1926-1984), o paradigma geral segundo o qual se estruturam, em uma determinada época, os múltiplos saberes científicos, que por esta razão compartilham, a despeito de suas especificidades e diferentes objetos, determinadas formas ou características gerais [O surgimento de um nova episteme estabelece uma drástica ruptura epistemológica que abole a totalidade dos métodos e pressupostos cognitivos anteriores, o que implica uma concepção fragmentária e não evolucionista da história da ciência.]

Desiderato : O que se deseja; Aspiração, desideratum.



Thomas Kuhn : (Cincinnati, 18 de Julho 1922 - Cambridge, 17 de Junho 1996) foi um físico dos Estados Unidos da América cujo trabalho incidiu sobre história e filosofia da ciência, tornando-se um marco importante no estudo do processo que leva ao desenvolvimento científico.

Profícuo : Que dá proveito; de que resulta o que se esperava; frutífero, lucrativo, útil, proficiente; que tem êxito; proveitoso, frutífero, rendoso.